

João Pires Catarino (1949-2008)

O amor pela Arqueologia foi a atitude mais consequente de João Catarino (1949-2008). Espelhou-lhe no conhecimento arqueológico da região de Santarém e do vale do Tejo, em inúmeras iniciativas de prospecção e trabalho arqueológico e no coleccionismo bibliográfico que legou aos futuros profissionais e arqueólogos.

Essa herança - um acervo de para cima de 50 títulos de revistas e cerca de 700 livros - constitui aquilo que de mais perene guardará a memória de João Catarino, no âmbito da actividade arqueológica portuguesa. O legado passa a estar hoje disponível na Biblioteca da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa.

Natural de Fratel, Vila Velha de Ródão, João Catarino fixou-se no Entroncamento, com a família cerca de 1963. Em 1966 ingressou nos Correios Telégrafos e Telefones (CTT) tendo exercido a sua profissão de classificação e repartição de correio, no Entroncamento, em Lisboa e em Coimbra. O seu interesse pela arqueologia, fez dele um pesquisador nato dos vestígios de passado, tendo participado em escavações e colaborado com Jorge Alarcão (S. Cucufate¹), Adília Alarcão, João Pedro Monteiro, António José Quenteira e António Dias Diogo.

Os seus laços com a arqueologia são autodidactas e têm uma ligação com outros interesses culturais e científicos, nomeadamente com a espeleologia. No campo da arqueologia tinha um interesse muito especial pelos artefactos que ajudava a classificar, analisar e datar, tendo como base as leituras bibliográficas, os estudos de estratigrafia e ainda os conhecimentos bebidos na sua biblioteca pessoal, composta sobretudo de obras estrangeiras, algumas das quais inexistentes nas bibliotecas portuguesas.

Dois ambientes da actividade de arqueólogo fizeram nele esse amor pela Arqueologia. O primeiro foi a prospecção, que envolvia a aventura, a pesquisa do território e a identificação dos achados ocasionais ou integrados em contextos espaciais e de coerência cronológica. É nesse horizonte que o Vale do Tejo, muito lhe deve, tanto integrado em grupos ou solitário, usando os seus conhecimentos para o aprofundar dos objectos exumados ou para determinar um futuro campo de observação ou estudo arqueológico.

¹ João Catarino não apenas colaborou com Jorge Alarcão, como integrou a equipa luso-francesa de estudo das vilas romanas de S. Cucufate (Alentejo).

O segundo, materializou-se interesses mais vivos, capazes de se materializarem em intervenções de arqueologia, melhor ou pior conhecidas, implicando ou não o trabalho de colaboração com outros arqueólogos. O rasto da sua actividade pode seguir-se e ainda acompanhar-se pelo que deixou registado em pequenos estudos, pelas imagens fotográficas, pela memória dos seus amigos e colaboradores. As questões do património arqueológico preocupavam-no procurando a sua defesa e protecção, nomeadamente a nível da entrega de alguns objectos exumados nos museus da região, como aconteceu em relação aos achados de Chões de Alpompe depositados no Museu Municipal de Santarém. Era um crítico da falta de conservação das estações arqueológicas, numa época em que era corrente as atitudes de abandono e vandalismo.

No mapa da sua actividade mais consequente estão Chões de Alpompe (Vale de Figueira, Santarém), acampamento romano de origem republicana, as *villæ* romanas de *Cardillium*, em Torres Novas ou de São Miguel, na Golegã, as paragens da Serra de Aire onde detectou vestígios castrejos e ainda Vila Velha de Ródão, onde pesquisou sobre a arte rupestre, na esteira dos achados que marcaram a arte pré-histórica das margens do Tejo, posta em causa pelos planos de aproveitamento hidroeléctrico do Médio Tejo. A sua ligação ao Alto Ribatejo parece ser um vínculo dos seus interesses específicos, como a demonstrar novos arqueossítios (Vila de Rei, Mação) ou antigas presenças humanas em velhos castelejos (Riachos) ou ruínas abandonadas como Caldelas, em Tomar. Os seus grandes interesses científicos eram a época de ferro (sobretudo das culturas do ferro mediterrânicas) e a civilização romana.

João Catarino tinha um núcleo de amigos com quem mais privava (Dias Diogo, Manuel Fernandes Vicente, entre outros), mas era de alguma forma introvertido e guardasse em relação ao maior conhecimento alheio, mantendo uma autonomia de carácter que era apreciada daqueles com quem melhor privava. Participou em diversos encontros e colóquios e deixou alguns estudos da sua autoria, entre os quais “Chões de Alpompe. Síntese Cultural”², em colaboração com Carlos Barbosa Ferreira e Luís Silva Pinho. O seu ideário cultural e social é própria da geração dos anos 60 do século XX, profundamente altruísta, generosa e gratificante, onde a cultura e a ciência ocupavam um lugar proeminente em prol do interesse comum.

Jorge Custódio

Investigador integrado do IHC
Docente de Arqueologia

² Publicada na Revista da ESAS – Escola Superior de Educação de Santarém.

O acervo João Catarino

A biblioteca de João Catarino representa (mais uma) faceta invisível do seu original possuidor. Nela se reuniram temáticas variadas mas muito centradas em torno da Arqueologia, mas que contemplavam igualmente outras áreas do conhecimento com ela conexas, minoritárias, como as do âmbito da História, Geografia Física, Geologia e, com um significado especial, da Filosofia e da Antropologia Social: de facto, ao investigador ribatejano interessavam não só as materialidades do passado, ou o tempo cronométrico”, como reflectir sobre a forma como esses elementos se integraram no quotidiano das sociedades pretéritas e que sentido para elas haviam assumido.

Num outro sentido, não se pode dissociar o acervo reunido por João Catarino do seu tempo. Para muitos leitores de hoje, o acesso contemporâneo ao livro científico é um dado adquirido, de facilidade mais ou menos óbvia. O cenário dos finais da década de 1960, da de 1970 ou sequer de 1980 era, porém, bem distinto.

Nas estantes das livrarias de alguma dimensão existentes no país, quase restringidas às grandes cidades de Lisboa, Porto e Coimbra, as estantes facultavam pouco espaço de escolha, e quase sempre com as mesmas obras. O livro importado, embora disponível, era francamente oneroso, e complicada a sua encomenda. Para mais, até ao 25 de Abril de 1974, nem todas as obras académicas estavam livres da censura, inclusive as nacionais: bastará relembrar que *O Homem faz-se a si próprio*, de V.G. Childe, importante obra do pensamento arqueológico lançada por uma editora britânica de circulação mundial, e publicada em Portugal através da “subversiva” Editorial Cosmos (com tradução do inglês feita por Joel Serrão), seria proibida. E lá está, como outras alvo do *Index* da censura, entre os livros de João Catarino.

A partir da década de 1980, porém, a biblioteca amplia-se de sobremaneira: o recurso à encomenda através de duas distribuidoras especializadas espanholas facultou um muito maior leque de recursos para a aquisição de livros. Caros, não estavam à mão de todas as bolsas. De tal forma assim o era que nas poucas bibliotecas portuguesas especializadas de então, a do Museu Arqueológico Nacional, do Instituto de Arqueologia de Coimbra e da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, as aquisições eram timoratas. Por esta razão, o livro científico faltava. E alguns eleitos de João Catarina, de que se poderiam citar J. Monteiro, à época docente da Universidade de Coimbra, A.M. Dias Diogo, então professor na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, A.J. Quinteira, em tempos com responsabilidade nos Serviços Regionais de Arqueologia do I.P.P.C. ou, em momentos mais recentes, L.M. Pinho, docente da Escola Profissional de Arqueologia do Freixo, poderão dar vivo testemunho do benefício tirado do acervo dos “livros do João” enquanto docentes e investigadores, concedido desinteressadamente pela sua amizade franca, como pela sua devoção à disciplina.

O acervo agora doado à Biblioteca da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, embora com incidências temáticas diversas, espelha bem o trajecto intelectual do seu (discreto) possuidor: com contacto privilegiado com o “grupo de Coimbra”, com Jorge de Alarcão como referência científica e pessoal incontornável, dele constam obras, monografias e periódicos dedicados sobretudo ao arco cronológico cobrindo da Proto-História à Época Romana, que bem mostram o empenho em perceber melhor o passado da sua região, o Ribatejo, e as suas “paixões” arqueológicas pelos sítios de Castro de Fungalvaz, Chamusca, São Miguel da Golegã, Porto do Sabugueiro e, acima de todos, os Chões de Alpompe.

Rodrigo Banha da Silva

Investigador integrado do CHAM
Técnico Superior do CAAL, Docente de Arqueologia